

Iuri Leal Moura
Rogério Mendes de Lima



EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA:

**A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição
Crítico-Superadora em uma aplicação prática**



Rio de Janeiro, 2020

EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA:

**A pedagogia Histórico-Crítica e a
Proposição Crítico-Superadora em
uma aplicação prática**

Iuri Leal Moura
Rogério Mendes de Lima

EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA:
A pedagogia Histórico-Crítica e a
Proposição Crítico-Superadora em
uma aplicação prática

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M271 Moura, Iuri Leal

Educação física crítica: a pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática / Iuri Leal Moura; Rogerio Mendes de Lima. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020.

70 p.

Bibliografia: p. 57-58.

ISBN: 978-65-5930-080-8

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Pedagogia crítica. 3. Prática de ensino. I. Lima, Rogerio Mendes de. II. Título.

CDD 613

RESUMO

Do termo adestramento físico à sua integração a proposta pedagógica da escola, a Educação Física passou por momentos históricos que buscaram a ampliação da visão físico-técnica da disciplina para uma visão do ser humano como um ser holístico. Assim, a partir do final dos anos 1970, e início da década de 1980, com o aumento na produção de pesquisas e estudos, surgem as Proposições Renovadoras. Contudo, dado o histórico de dominação burguesa e a dificuldade de aplicação prática dos conhecimentos produzidos, as Proposições Renovadoras são aplicadas em um mix de teorias que muitas das vezes não contribuem para que os alunos compreendam a realidade social. Assim, procuramos criar um método de ensino que proporcionasse a aplicação prática dos conceitos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Proposição Crítico-Superadora para contribuir com as aulas voltadas para o desenvolvimento da reflexão crítica. Apresentamos as categorias de ensino como sendo O trabalho, a linguagem e o poder. Como critérios para seleção dos conteúdos elegemos a relevância social e a harmonização às características dos alunos. Diferenciamos o que são os conteúdos próprios da Educação Física dos compartilhados e dos transversais. A aplicação desses conceitos nas aulas se dá através do método preconizado pela Pedagogia Histórico-Crítica. Por fim, apresentamos exemplos dessa aplicação nos conteúdos Esporte e Dança.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Proposições Renovadoras; Pedagogia Histórico-Crítica; Crítico-Superadora.

ABSTRACT

Physical Education went through historical moments that sought to expand the physical-technical view of the discipline to a view of the human being as a holistic being from the use of the term physical training to its integration into the schools' pedagogical proposal.

Thus, from the end of the 1970s, and beginning of the 1980s, with the increase in the production of research and studies, the Renewing Propositions emerged. However, given the history of elitist domination and the difficulty in the practical application of the knowledge produced, the Renewing Propositions are applied in a compilation of theories that often do not contribute to students' understanding of their social reality. Thus, we seek to create a teaching method that would provide the application of the concepts of Historical-Critical Pedagogy and the Critical-Overcoming Proposition to contribute with classes aimed at the development of critical thinking. We present as teaching categories Work, language and power. As criteria for content selection, we chose social relevance and harmonization with students' characteristics. We differentiate the contents of Physical Education from shared and transversal contents. The application of these concepts in classes occurs through the method recommended by Historical-Critical Pedagogy. Finally, we present examples of this application in the Sport and Dance content.

Keywords: School Physical Education; Renewing Propositions; Historical-Critical Pedagogy; Critical-Overcoming.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
O contexto da criação do Método de ensino.....	10
1. CATEGORIAS DE ENSINO.....	14
2. CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS	15
2.1 Relevância Social.....	15
2.2 Harmonização às características dos alunos	16
3. CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	18
3.1 Próprios	18
3.2 Compartilhados.....	19
3.3 Transversais	20
4. O MÉTODO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.....	21
4.1 A Prática Social como ponto de partida da prática educativa	21
4.2 A Problematização	21
4.3 A Instrumentalização	22
4.4 Catarse.....	23
4.5 O retorno a Prática Social.....	24
5. CONTEÚDO PRÓPRIO: ESPORTE	26
AULA 1 – A Prática Social como ponto de partida da prática educativa	28
AULA 2 – A Problematização.....	31
AULA 3 – A Instrumentalização	33
AULA 4 – A Instrumentalização	35
AULA 5 – A Instrumentalização	37

AULA 6 – A Instrumentalização	39
AULA 7 – Catarse.....	44
AULA 8 – O retorno a Prática Social.....	48
6. CONTEÚDO COMPARTILHADO: DANÇA	49
AULA 1 – A Prática Social como ponto de partida da prática educativa	50
AULA 2 – A Problematização	51
AULA 3 – A Instrumentalização	52
AULA 4, 5 e 6 – A Instrumentalização.....	53
AULA 7 – Catarse.....	54
AULA 8 – Catarse.....	55
AULA 9 – O retorno a Prática Social.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE A: PLANO ANUAL	59
APÊNDICE B: PLANO BIMESTRAL.....	63
APÊNDICE C: PUBLICANDO A SUA AULA	68

APRESENTAÇÃO

Olá professor (a),

esse método de ensino tem como objetivo o trabalho com a Proposição Crítico-superadora da Educação Física, difundida pelo livro do Coletivo de Autores, com primeira edição lançada em 1992, em conjunto com a Pedagogia Histórico-Crítica, elaborada por Saviani e busca auxiliar na reflexão sobre a realidade concreta dos alunos que é complexa e contraditória. Há a possibilidade de trabalhar com o método durante um período curto (bimestre ou trimestre) ou longo (planejamento anual), isso é possível desde que se respeitem os passos da PHC. Caso o contato com a teoria seja inicial, sugerimos o trabalho por bimestre.

Para tanto, buscamos desenvolver passos para que você possa aplicar conceitos e superar os desafios que a trajetória profissional impõe. Ainda que esses passos não precisem ser seguidos linearmente, recomendamos que a estrutura Categorias de Ensino/Seleção de conteúdos/ Aulas seja mantida, pois se referem a um planejamento e estudos prévios sobre a temática a ser desenvolvida.

As atividades podem ser desenvolvidas em qualquer espaço, para isso, será necessário que você conheça não só o local de trabalho como o entorno, assim, ampliam-se as possibilidades de espaço a serem desenvolvidas as atividades.

No tempo em que vivemos, a tecnologia é extremamente utilizada. Recomendamos que a use como um aliado no processo Ensino/Aprendizagem principalmente quando nos deparamos com a motivação dos alunos. Procuramos exemplificar mais à frente.

Nossa área é muito carente de publicações científicas, para ajudar a inverter esse quadro, ao final deste produto, você encontrará um rascunho para escrever um relato de experiência e, se desejar, enviar para alguma revista acadêmica.

No mais, uma boa leitura!

O contexto da criação do Método de ensino

Antes de falarmos sobre a estrutura do método e de mostrar alguns exemplos com conteúdos da disciplina, gostaria de levantar alguns assuntos sobre a minha trajetória profissional e as dificuldades de traduzir o que aprendi em teoria para o chão da escola. Como muitos professores, quando iniciei o trabalho na escola, esbarrei em algumas dificuldades como:

a desvalorização da disciplina, sendo vista como um local para que os alunos pudessem extravasar

as energias; a falta de materiais pedagógicos como bola, cones, bambolês, cordas; a falta de infraestrutura; o desconhecimento do objeto de estudo da Educação Física por parte de alunos e professores, a saber, a Cultura Corporal. Elas me levaram a questionar o papel da Educação Física Escolar (EFE) e como ela poderia ser tornar uma disciplina respeitada nas escolas em que trabalhei.

Assim, na tentativa de superar as dificuldades e pela busca da valorização da disciplina, adotei práticas em sala de aula que pudessem proporcionar aos alunos, um ensino voltado para suas necessidades, buscando incluir os alunos nas atividades para que eles experimentassem as práticas da Cultura Corporal. Como outros professores, também encontrei um quadro complexo na realidade das escolas em que atuei: alunos separados por sexo, habilidades e, em geral, com atividades apenas de jogos de futebol e queimada, futebol para os meninos e queimada para as meninas, os menos habilidosos nem jogavam.

Figura 1. A dificuldade de ligar a teoria ao chão da escola



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

Figura 2. Professor, vai ter futebol?



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](#)

Em um primeiro momento encontrei certa resistência por parte dos alunos, principalmente por querer implantar outros conteúdos para além do futebol, mas, com bastante conversa eles aceitavam participar de outras práticas. Mesmo tendo contato com outras práticas, na primeira aula a pergunta sempre era a mesma: Professor, vai ter futebol?

Assim, pensei em utilizar futebol para discutir a influência dele na sociedade. Foi quando ingressei no Programa de Residência Docente e desenvolvi um projeto voltado para a ressignificação do Futebol utilizando atividades que envolvessem o (re)conhecimento sobre as múltiplas possibilidades além da atividade livre, trabalhando temas como mercado de trabalho, ludicidade, História do Futebol, Racismo e cooperação. Você poderá conhecer esse projeto no exemplo que citamos após lhe apresentar o método.

Avançando nos estudos, pude compreender que essa não era apenas a minha realidade. De 97 professores de EFE entrevistados, 50 citam a infraestrutura como maior problema, 48 a desvalorização, 45 a falta de material, 15 o desinteresse dos alunos e 13 a falta de planejamento docente. Porém, apenas 6 citam o futebol como um problema. Entendemos que, para esses professores, o fato de se trabalhar com o Esporte não implica em um ensino tradicional, muito pelo contrário, o conteúdo deve ser trabalhado em uma perspectiva crítica para instrumentar os alunos para a leitura da realidade.

Voltando aos problemas apontados pelas participantes, que giram mais entorno do espaço físico-material e da gestão, a maioria desses professores trabalha na rede pública de ensino. Historicamente, o ensino público tem sido território de disputa de projetos liberais e neoliberais, para Melo e Sousa (2017, p.27)

No Brasil, a coexistência entre a educação pública e privada sempre foi palco de intensas disputas, desde o período colonial e imperial: licenças, créditos, subsídios, autorizações, reconhecimentos e creditações concedidas e, a partir da República, realizadas pelo Estado, seus entes federados e seus governos, são elementos centrais que compõem a organização da educação brasileira até hoje.

Embora ocorram essas disputas, o sistema educacional brasileiro sempre foi organizado pela elite do país. Mesmo em governos considerados de esquerda, a influência da burguesia na

educação é vista de diversas formas. Por exemplo, a composição do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e do Plano Nacional de Educação (PNE), foi feita pelo movimento “Todos pela Educação”, composto por banqueiros e grandes empresários dos meios de comunicação (LEHER; VITTORIA; MOTTA, 2017). Você pode perguntar: ok, mas como isso interfere na estrutura da minha escola? Se estudou em escola pública no início da década de 1990 ou antes e agora trabalha na área, deve ter percebido algumas mudanças.

Estudei toda a minha educação básica em escola pública. No ensino fundamental, apesar da quadra não ser coberta, minha escola tinha laboratórios de ciência, pias nas aulas para lavar pinceis, dois horários de refeição para o primeiro segmento, sala com bancadas para desenho e sala de informática. Um tempo depois, formado na disciplina, tive a honra de trabalhar na escola em que estudei. O cenário era completamente diferente. A quadra estava coberta, porém, todos os laboratórios tinham se tornado salas de aula. O único a resistir foi o laboratório de informática que, em parceria com um banco, consegui alguns computadores antigos.

Figura 3. O sucateamento da escola pública é um projeto de poder



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Esse quadro reflete a ideia da burguesia sobre a Educação brasileira. Saviani (2013, p. 442), utiliza as expressões analíticas empregadas por Acácia Kuenzer, a saber, "exclusão includente"¹ e "inclusão excludente"², para destacar que os mecanismos³ de inclusão de mais alunos no sistema escolar, mantem as crianças e jovens na escola sem que haja uma aprendizagem efetiva, possibilitando uma melhoria nas estatísticas quantitativas educacionais

¹Se dá na ação do mercado em excluir o trabalhador para o realocar ou na informalidade, ou no próprio mercado de trabalho com salários menores.

² É a face pedagógica da exclusão includente, ela inclui os alunos no sistema escolar e exclui do mercado de trabalho.

³ divisão por ciclos; classes de aceleração; progressão continuada.

como a universalização do ensino fundamental, porém, excluindo os alunos "do mercado de trabalho e da participação ativa na vida da sociedade.

Essa política de inchaço do ensino público, sem que haja uma boa qualidade, reflete como a burguesia trata o ensino para as camadas populares: preparação para trabalhos específicos, ligados a indústria, ao agronegócio e ao terceiro setor, a fim de reforçar a dominação, através de métodos de ensino baseados na obtenção de conhecimentos rasos voltados para a lógica instrumental.

Assim chegamos em nossa realidade: a Educação como ferramenta da burguesia, nos impõe uma formação deficiente para que a dominação dela se perpetue. O reflexo disso é escolas com estrutura precária, professores com baixos salários, desmotivação.

Esse método de ensino não pretende ser hegemônico, mas, um caminho para a superação dessa realidade, isso significa que não estamos propondo algo pronto e acabado, mas um projeto que necessita de constante atualização, partindo do ponto de vista dos alunos, levando em consideração o período histórico vivido. Por isso, procuramos nos basear na Pedagogia Histórico-Crítica e na Proposição Crítico-Superadora buscando contribuir no desenvolvimento de aulas voltadas a leitura crítica da realidade.

1. CATEGORIAS DE ENSINO

Você já deve ter comido um bolo de cenoura com chocolate, pensando nisso, lembre como é o processo de confecção dessa delícia! Nele vai farinha, ovo, fermento, cenoura, leite, chocolate. Se o bolo for de laranja, os ingredientes são quase os mesmos, trocamos a cenoura por laranja, e assim serve para qualquer bolo. Se bem feito, você não sente os ingredientes separados, sente o sabor do bolo. Assim são as categorias de ensino, seus ingredientes são o Trabalho, a Linguagem e o Poder. Dependendo do objetivo da aula, um deles dará o sabor, porém, é impossível separá-los.

Figura 4. O bolo de cenoura como representação da indissociação entre Trabalho, Linguagem e Poder



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

O Trabalho entendido como o fazer e saber fazer, tendo relação com os procedimentos a serem adotados pelos alunos ao resolverem os problemas, apresentando técnicas corporais; a Linguagem sendo entendida por saber sobre o fazer e suas relações com o cotidiano; e o Poder sendo entendido pelas relações sociais e conhecimento sobre os processos históricos de desenvolvimento dos conteúdos.

2. CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS

Quando estamos organizamos uma festa pensamos no local em que será, nas pessoas a serem convidadas, na comida, na bebida, entre outras coisas. Na hora de comprar o material estabelecemos critérios para essa tarefa, quer seja pagar menos, ter qualidade no produto ou levar alimentos diferentes.

Figura 4. Selecionando os conteúdos



Fonte: Bing (2020)

No ensino não é diferente, estamos planejando uma grande festa que, ao final, formará bons cidadãos para o convívio em sociedade. Quando falamos em bons cidadãos temos em mente o sujeito que valoriza a democracia, preza pela liberdade, respeita os outros e lê criticamente a realidade brasileira e sua herança colonial. Para isso, estabelecemos critérios para escolher conteúdos que farão parte desse critério, que seriam a Relevância social e a Harmonização às características dos alunos.

2.1 Relevância Social

Este critério procura levar em consideração a diversidade presente na realidade brasileira. Ao escolher os conteúdos, o professor precisa conhecer a cultura local e o conhecimento que o aluno traz consigo, pois, “este critério corresponde à ligação entre o saber sistematizado e a experiência prática, devendo os conteúdos refletir objetivos educativos esperados em relação à sua participação social” (LIBÂNEO, 1994, p. 143). Para que seja observada na seleção dos conteúdos destacamos que o conteúdo deve fornecer os seguintes itens:

Figura 5. Checando as características



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

Significação cultural – ser relevante para a comunidade que o pratica ou um auxílio para entendimento da cultura presente na mesma;

Decolonialidade – O conteúdo precisa considerar a realidade histórica e cultural dos estudantes, partindo de sua experiência da realidade, aquelas que apontam para uma resistência ou ressignificação da dominação e do eurocentrismo.

Ligação com os alunos – levar em consideração a bagagem de conhecimentos que cada aluno traz consigo e que represente a resistência ou a construção de outras possibilidades de leitura da realidade

2.2 Harmonização às características dos alunos

Optamos pelo termo harmonização a adequação, por este ser utilizado por abordagens mais tradicionais, por outro lado, tal qual a relação da harmonia na música, aquela que ajuda no embelezamento das melodias, dando corpo ao que se é apresentado em forma de sinfonia, o critério de seleção descrito procura auxiliar no desenvolvimento dos conhecimentos levando em consideração as características dos alunos. Assim como a linha melódica influencia na harmonia a ser construída, os alunos influenciam diretamente na escolha dos conteúdos.

Figura 6. As possibilidades da música.



Fonte: Bing (2020)

Sendo assim, este critério se baseia nos seguintes itens:

Desenvolvimento não linear – é importante identificar aquilo que o aluno consegue fazer sozinho (Zona de Desenvolvimento Atual) e o que ele consegue realizar com auxílio (Zona de Desenvolvimento Imediato). Não deixamos de considerar o que os desenvolvimentistas ou os piagetianos preconizam, a saber, as etapas de desenvolvimento, porém, consideramos o desenvolvimento como não linear, histórico e relacional;

Condição social – procuramos articular a escolha dos conteúdos às experiências que os estudantes têm com a cultura corporal. Tanto àquelas que representam a matriz dominante, quanto as que foram produzidas nos processos de resistência e ressignificação das classes dominadas.

Abertura ao diálogo – através do diálogo buscamos proporcionar aos alunos a possibilidade de questionar o conteúdo, procurando romper com o caráter da verdade absoluta imposta ao conteúdo pela visão eurocêntrica.

Ao assumirmos a Proposição Crítico-Superadora como base para nossas aulas, acreditamos que ele não é um fim em si mesmo, mas a todo tempo “devem ser analisados os critérios de seleção, organização, transmissão e avaliação de conteúdos e metodologias do ensino, buscando referenciá-los nos interesses individuais e coletivos, no projeto pedagógico e no projeto histórico” (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 104), em outras palavras, este método necessita de constante atualização, partindo do ponto de vista dos alunos, levando em consideração o período histórico vivido.

3. CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A tarefa da Educação Física Escolar é proporcionar a reflexão sobre a Cultura Corporal. A fim de atingir esse objetivo, separamos os conteúdos que fazem parte da Cultura Corporal. O Coletivo de Autores (2012) relaciona como sendo os jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas. Para o desenvolvimento dessa sequência de aulas, separamos em três tipos: os Próprios, os Compartilhados e os Transversais.

Figura 7. O movimento na EFE



Fonte: Bing (2020)

3.1 Próprios

Figura 8. A Capoeira



São conteúdos não trabalhados ou pouco desenvolvidos por outras disciplinas como Esporte, Ginástica, Lutas e Capoeira.

[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](#)

Acreditamos no desenvolvimento de uma leitura crítica sobre Esporte. Segundo Reis et al (2013, p. 92) “a constatação de que o esporte vinha atendendo historicamente aos interesses dominantes fez com que alguns professores se distanciassem do ensino do esporte na escola”. Assim, buscamos a ressignificação para permitir aos alunos a crítica a este conteúdo levando

em consideração o contexto histórico pois “[...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é a condição de libertação.” (SAVIANI, 2012, p. 55). O esporte, como conteúdo erudito, precisa passar pela Reflexão Crítica dos seus atores, quer sejam professores, quer sejam alunos.

3.2 Compartilhados

São conteúdos também abordados por outras disciplinas como a Dança – existe a formação superior em dança, o Jogo – diversas disciplinas o utilizam com o intuito de dinamizar temas, o teatro – apesar de trabalhar com a expressão corporal, assim como a dança, existe um profissional específico que trabalha com tal conteúdo.

Figura 9. Os jogos



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC](#)

É imprescindível notar que a sequência de aulas não busca priorizar um conteúdo ou outro, deve se levar em consideração o corpo docente da escola. Se a escola possui profissionais de dança, o professor de Educação Física precisa trabalhar em conjunto para abranger diferentes pontos de vista sobre o objeto a ser estudado. O trabalho se torna mais específico a medida em que a escola não possibilita o profissional de determinada área.

3.3 Transversais

Temas que sejam característicos a faixa etária e/ou urgentes para o convívio social como as Brincadeiras e os temas transversais (Saúde, Ética, Pluralidade)

A urgência de temas importantes para o brasileiro e o impacto social deles, precisa ser levado em consideração na construção desta sequência de aulas, por isso, indicamos que os conteúdos transversais precisam estar articulados com os conteúdos próprios e os compartilhados.

Figura 10. Pluralidade Cultural



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](#)

Pensando na duração do bimestre, indicamos o desenvolvimento do conteúdo por um mínimo de 7 aulas, incluindo a avaliação. Essas aulas devem levar em consideração as seguintes temáticas: o contexto histórico e o impacto do conteúdo na sociedade; as Habilidades Técnicas, a relação com a Ludicidade e a cooperação; e as Habilidades Motoras.

4. O MÉTODO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Nossa sequência de aulas se baseia no método da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2012; GASPARIN, 2012) descrito a seguir:

4.1 A Prática Social como ponto de partida da prática educativa

Geralmente realizamos esse item na primeira aula. É o momento em que os alunos falam sobre o que conhecem do conteúdo, assim, iniciamos o conteúdo pelos conhecimentos prévios dos alunos – síntese: uma visão confusa sobre o objeto – e dos professores – síntese precária: conhecimento parcial do objeto.

Figura 11. Crianças brincando



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

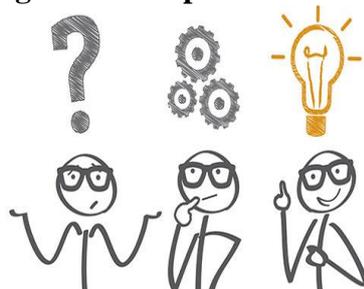
A Prática Social inclui o todo, por isso, também, a escola. Os conteúdos pré-selecionados precisam emergir do conhecimento que os alunos possuem antes de passar pela reflexão pedagógica.

Dentro desta fase podemos verificar especificamente os subitens dos critérios de seleção dos conteúdos, a saber: Significação Social e Ligação aos alunos, subitem da Relevância Social; e desenvolvimento dos alunos, subitem da Harmonização aos alunos.

4.2 A Problematização

Em um segundo momento, que pode ser na mesma aula ou na aula seguinte, os alunos e professor discutem quais são as questões sociais que perpassam na escola. É o momento em que identificamos quais temas transversais poderemos trabalhar e que questões utilizaremos para pensar e refletir, tanto em relação ao social quanto aos próprios conteúdos. Lembre-se que podem surgir outros problemas nas fases seguintes, procure não os ignorar ou resolvê-los sozinho, trabalhe em conjunto com os alunos.

Figura 12. Do problema a solução



Fonte: Bing (2020)

Ao identificarmos as necessidades dos alunos, dando voz aquilo que eles conhecem, contribuiremos para uma das maiores dificuldades encontradas pelos professores, a motivação dos alunos. Partir do conhecimento cultural deles nos auxiliará a desenvolver aulas mais reais para os alunos. Aulas em que eles enxergam a aplicação do conhecimento em seu cotidiano.

Nesta fase se encontram os temas transversais e podemos verificar subitens da seleção de conteúdos, a saber: a decolonialidade, subitem da Relevância Social; e a Condição Social dos alunos, subitem da Harmonização às características dos alunos.

4.3 A Instrumentalização

Após identificar o conhecimento dos alunos e quais questões perpassarão a caminhada, o professor explica e demonstra o conteúdo científico, fornecendo os meios necessários para que o educando se aproprie do conhecimento científico.

Por ser uma disciplina que trabalha com o movimento, geralmente nos utilizamos das Habilidades Técnicas ou das Habilidades Motoras para instrumentalizar os alunos. Nossa história com raízes no militarismo, na medicina e nos esportes, geralmente nos ajuda a trabalhar esse momento da maneira mais tradicional possível, ou seja, habilidades isoladas do contexto (treinar o toque do vôlei na parede, por exemplo), organização em filas, aquecimento antes da aula e outras coisas. Queremos deixar claro que não nos opomos a qualquer estilo de ensino, porém, é importante mostrar o sentido do conhecimento científico para que o aluno compreenda não só como fazer, mas também porque está fazendo.

Figura 13. Habilidades motoras no cumprimento de uma tarefa



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA](#)

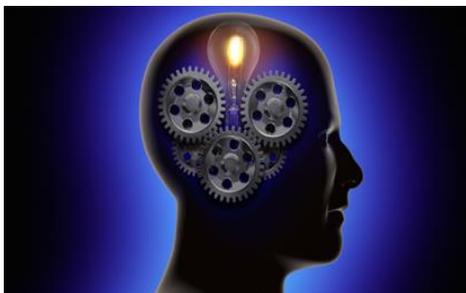
Assim, na instrumentalização, recomendamos considerar as Habilidades técnicas como Técnicas Corporais (DAÓLIO, 2004), que seriam as maneiras pelas quais os seres humanos, de forma tradicional e específica, utilizam seus corpos, levando em consideração que todo gesto corporal é uma técnica, por atender aos critérios de tradição e eficácia, para eles, o gesto é grávido de significados.

Alguns valores precisam ser abordados no ensino das Habilidades Técnicas, a ludicidade e a cooperação em contraste com o utilitarismo e o excesso de competição que o sistema nos impõe.

4.4 Catarse

Durante toda a sequência de aulas, o professor avalia como os procedimentos estão sendo expostos e assimilados. Por isso, indicamos pelo menos dois itens a serem avaliados: o individual – compreendendo as mudanças qualitativas alcançadas pelos alunos, bem como a participação ativa nas atividades propostas, combinadas ou criadas – podendo ser desenvolvida por fichas de observação, avaliação teórica ou avaliação prática; a coletiva – compreendendo as relações sociais desenvolvidas na apreensão dos conteúdos e sua aplicação no conjunto heterogêneo que compõe a sala de aula – podendo ser desenvolvida por prática de atividades coletivas, seminários e feiras.

Figura 14. A Catarse é o mais alto nível intelectual para aquele momento



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

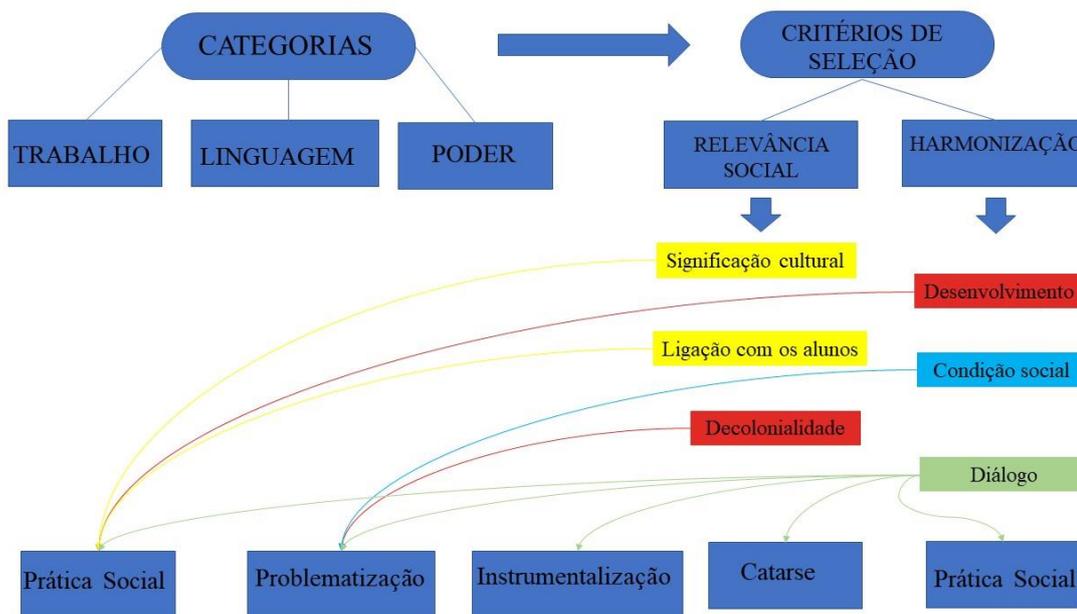
constitui um novo instrumento de trabalho, de luta, de construção da realidade pessoa e social” (GASPARIN, 2012, p.126).

4.5 O retorno a Prática Social

Ao retornar com o conhecimento elaborado para a Prática Social, esperamos que o aluno utilize em seu cotidiano uma nova maneira de ver, de agir, de pensar. Podemos perguntar aos educandos o que eles pretendem fazer com o conhecimento elaborado, porém, é através da ação deles em sociedade que dirá o quanto foi internalizado. É difícil estabelecer uma quantidade de aulas para essa fase por conta da amplitude de aplicações que os alunos podem sugerir, por isso sugerimos que, num primeiro momento, os alunos apresentem por fotos, vídeos, redações aquilo que aplicaram, e em seguida recomendamos que o contato com o aluno seja mantido para que você possa ver a mudança através do conhecimento.

Lembre-se que a aprendizagem teórica é um instrumento para a transformação social (GASPARIN, 2012), por isso nosso trabalho como professores vai muito além do ensino de conteúdos, nosso trabalho deve estar comprometido com a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Justa, no sentido da redução das desigualdades sociais e equitativa, no sentido de se fazer o necessário para a contribuir nessa redução, ainda que uma classe ou fração de classe seja mais beneficiada por algum tempo. Na fig. 1 podemos observar como cada parte do método se inter-relaciona.

Figura 15. A estrutura do Método



Fonte: O autor, 2020.

A seguir vemos alguns exemplos da aplicação dessa sequência de aulas em dois conteúdos. O primeiro é um conteúdo próprio da Educação Física, desenvolvido através de técnicas de ensino diretivas. O professor buscou apresentar o conteúdo de maneira direta, levando atividades pré-selecionadas, porém, valorizando o diálogo com os alunos. O segundo exemplo é de um conteúdo compartilhado com outra disciplina, a dança. Esse conteúdo foi desenvolvido por técnicas não-diretivas, por tanto, nenhuma atividade foi pré-selecionada, os alunos montaram o que deveria ser feito pelos grupos e o professor interveio quando questões importantes eram levantadas para serem discutidas. A estrutura a seguir é composta por: Objetivos, Descrição da aula, Resumo da aula e Orientações para o Professor.

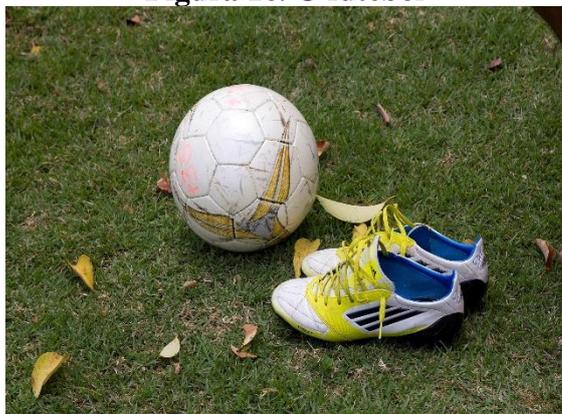
5. CONTEÚDO PRÓPRIO: ESPORTE

OBJETIVO GERAL: Associar o Futebol a cultura brasileira através da explicação do impacto do conteúdo na sociedade, valorizando as múltiplas formas de aplicação do mesmo, através de novas posturas e atitudes.

DESCRIÇÃO

A aplicação da temática esporte foi através de um projeto sobre o futebol desenvolvido no programa de residência docente do Colégio Pedro II (CARVALHO JUNIOR; SALGADO; MOURA, 2016). O principal objetivo foi reinterpretar este esporte nas aulas, principalmente em relação ao trato que ele tinha nas escolas aplicadas, ora como tempo livre, ora como formação técnica específica (escolinha).

Figura 16. O futebol



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC](#)

Embora seja impossível generalizar a influência do futebol, de alguma forma, a maioria das pessoas está exposta aos seus códigos e signos culturais. Por exemplo, observa-se na linguagem cotidiana a presença de jargões futebolísticos: ‘Ele terminou o trabalho aos 45 do segundo tempo’, ‘o sujeito pisou na bola com os colegas’, ‘Quem não assumir os princípios da empresa será jogado para o escanteio’, entre outras figuras de linguagem. (NEIRA; LIPPI; SOUZA, 2008, p. 92).

Sendo assim, o professor de Educação Física precisa propor situações de ensino em que o aluno possa confrontar o que já sabe com os saberes constituídos pela sociedade para que possa fazer uma aprendizagem eficaz.

Durante um bimestre, nas escolas municipais, e um trimestre no Colégio Pedro II, aplicamos 8 aulas para desenvolver o conteúdo. Ao final do trabalho, na avaliação dos alunos, observou-se uma interpretação mais ampliada sobre o futebol, assim, a participação de grupos mais diversos, foi mais ativa. Cabe ressaltar que em algumas turmas o modelo apresentado não conseguiu cumprir seus objetivos, portanto, foi necessária uma readequação do processo ao longo dos anos de aplicação.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Esse projeto demandou diversos materiais, antes de aplicá-lo, procure estabelecer uma lista com todas as demandas. Em cada aula, procuramos apresentar alternativas baseadas em nossas aplicações dessa temática.

AULA 1 – A Prática Social como ponto de partida da prática educativa

OBJETIVO ESPECÍFICO: Conhecer as perspectivas dos colegas em relação ao futebol.

DESCRIÇÃO

Iniciamos o bimestre com a discussão nas aulas sobre o futebol. Perguntamos o que se conhecia sobre o assunto e quais eram as expectativas dos alunos sobre o conteúdo. O que nos chamou a atenção foi quantidade de meninas que se interessavam pelo conteúdo, apesar do histórico “futebol para meninos e queimada para meninas”, e como muitos alunos ainda compreendiam o futebol unicamente como esporte, sem considerar sua relação cultural.

Em um segundo momento conversamos sobre o manager escolar. Atividade inspirada nos jogos virtuais, em que o jogador administra um clube. A diferença principal entre o *Manager Escolar* e os jogos virtuais é o desenvolvimento através do Futsal para adaptarmos a realidade das escolas, porém, esta atividade pode ser desenvolvida em qualquer espaço que se jogue futebol ou, caso não se tenha espaço, podem ser feitas adaptações para que seja desenvolvida em formato de RPG.

A escolha dos grupos se deu aleatoriamente, a partir da definição de três responsáveis escolhidos pelo professor através de sorteio. Como as turmas tinham em média 33 alunos, definimos o número de três grupos por turma. Em turmas com mais de 40 alunos separamos em quatro grupos. Cada componente executou um papel definido pelo grupo que é descrito a seguir:

Dirigentes

Os dirigentes foram responsáveis pela administração do clube. Eram responsáveis por combinado com os outros dirigentes clubes o valor de cada partida. Cabia, também, aos dirigentes realizar negociações para transferências de jogadores. Eles poderiam se dividir em Presidente, Vice-presidente, Tesoureiro. No geral, optaram por apenas um presidente e incluíram o Técnico na escolha da operação no mercado.

Técnicos

Suas funções incluíram o treinamento da equipe, montagem do esquema tático e instruções nos momentos das partidas. Poderiam se dividir em Técnico e Auxiliar Técnico. Alguns grupos procuraram espaços fora o horário de aula para treinar táticas.

Árbitros

Foram responsáveis pela manutenção das regras durante a partida, apitando o jogo e escrevendo a súmula. Eram necessários quatro árbitros: dois árbitros de jogo, um mesário e um árbitro reserva. Cada equipe deveria destinar pelo menos um componente para participar do *Manager* como Árbitro.

Jogadores

Além de representar o seu clube em quadra, precisaram ser leais aos colegas, evitando brigas e ofensas, devendo respeitar as regras e empregar o que aprenderam durante as aulas.

Repórteres

Os Repórteres foram responsáveis pelo registro do andamento do *Manager Escolar*. Precisaram entrevistar os jogadores, escrever colunas esportivas e, ao final do projeto, apresentar artigos e/ou documentos sobre o trabalho de coleta dos dados. Eles, ao apresentarem o trabalho na Feira do Futebol – descrita na Catarse –, escolheram mostrar os materiais coletados através de *slides*, cartazes e jornal impresso.

Figura 17. Apresentação das reportagens na feira ao final do processo



Fonte: O autor, 2020.

Alguns pontos importantes também merecem destaque: as negociações de jogadores ocorriam antes de cada jogo, sendo reservado um período de 5 minutos para as transferências entre clubes. Nesse período poderiam comprar um jogador ou fazer uma troca por outro jogador. Com o passar das semanas o valor foi sendo modificado devido às transferências a serem

realizadas. Ao final do projeto, o jogador mais valioso, ganhou uma entrevista exclusiva sobre a sua vida no futebol, nesse ponto é importante ressaltar que o jogador mais valioso nem sempre foi o mais habilidoso.

Sobre o valor dos jogos, podemos destacar a participação dos dirigentes, no período de negociação, estabelecendo o valor da partida e a divisão do valor total em 60% para a equipe vencedora e 40% para a equipe perdedora, em caso de empate o valor foi dividido meio a meio; previamente, os dirigentes discutiam entre si para ver o valor a ser pago aos jogadores e comissão técnica, em caso de vitória.

Encerrando a primeira aula, os grupos levaram uma tarefa para casa: pesquisar sobre a história do futebol. Como foram três grupos, escolhemos três subtemas, um para cada grupo, a saber, a origem do Futebol, a história do Futebol moderno na Europa e a chegada do Futebol no Brasil.

O tempo de aula que restou fizemos um grande jogo de futebol com apenas duas equipes em toda a turma. O objetivo foi iniciar a avaliação dos relacionamentos intrapessoais.

RESUMO DA AULA

1. discussão dos conhecimentos prévios sobre o futebol;
2. divisão dos grupos e explicação do manager escolar;
3. explicação da pesquisa a ser feita;
4. grande jogo de futebol.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Ainda que aula seja em grande parte teórica, consideramos importante que os alunos vivenciem o conteúdo na prática, por isso colocamos um grande jogo no fim da aula.

É importante que se tenha precauções nesse jogo, principalmente pelo grande número de participantes. Procure corrigir comportamentos que sejam prejudiciais ao coletivo, mas não esqueça de tratá-los como possibilidade de compreensão das relações sociais.

O manager escolar foi o diferencial em minhas aulas para a compreensão de vários elementos da cultura esportiva e da sociedade brasileira, porém, ele não é fundamental para o ensino do Futebol. Lembre-se que a sua realidade pode exigir outras ferramentas para se trabalhar o conteúdo.

AULA 2 – A Problematização

OBJETIVO ESPECÍFICO: Levantar questões sobre o processo de colonização do Brasil, sua influência no futebol e seus reflexos na sociedade.

DESCRIÇÃO

A aula se iniciou com a apresentação dos grupos sobre a história do futebol, começando pela origem, passando pela história do futebol moderno e chegando ao futebol no Brasil. Enquanto cada grupo se apresentava, os alunos levantaram questionamentos sobre as mudanças nas regras, sobre a região em que se encontrava e sobre as diferenças do que eles conheciam sobre o futebol.

É importante ressaltar que, ao conhecerem a história do futebol moderno os alunos levantaram questões sobre as participações dos negros, dos pobres e das mulheres no esporte. Com a copa do mundo feminina de futebol sendo transmitida a primeira vez em TV aberta, no ano de 2019, os alunos questionaram sobre a origem classista do futebol, bem como a proibição explícita da participação de alguns grupos.

Assim, levantamos como maiores problemas a serem discutidos ao longo das aulas a discriminação de cor e de sexo. Antes de irmos para a parte prática, procuramos relembrar a colonização brasileira e a relacionamos com os problemas levantados.

Ao final da aula fizemos um futebol com 4 equipes. Dividimos os 4 lados do espaço com uma baliza em cada, cada equipe deveria defender a sua baliza e fazer gol em qualquer uma das 3 balizas disponíveis. A equipe que sofrera o gol, poderia escolher qualquer jogador adversário para compor a sua equipe, assim, ela aumentaria o seu número de jogadores, diminuindo do adversário.

RESUMO DA AULA

1. apresentação das pesquisas;
2. discussão sobre a relação da história com os dias atuais;
3. levantamento dos problemas a serem trabalhados ao longo do bimestre;
4. grande jogo de 4 equipes.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Lembre-se que na problematização os alunos devem levantar questionamentos juntamente com o professor, isso implica em não levar problemas prontos e indiscutíveis, seguindo o exemplo que estamos discutindo, pode ser claro para o professor a discriminação de gênero no meio futebolístico, ainda assim, caso os alunos não levantem esse problema, cabe ao professor promover atividades que tragam o problema a luz.

Sobre a atividade prática, acredito ser raro escolas que tenham quatro balizas, sendo duas moveis, por isso, para adaptar a atividade, pedi ajuda aos alunos para colocarem balizas como fazem na brincadeira de rua. Assim, já tivemos balizas com chinelo, com tênis e com mochila. Já fizemos baliza humana, em que dois alunos ficavam de mão dadas e braços esticados. O gol só valia de perto, sem chutes fortes, e a baliza poderia se movimentar em um determinado espaço.

AULA 3 – A Instrumentalização

OBJETIVO ESPECÍFICO: compreender a relação do passe com a coletividade, relacionando-a ao viver em sociedade.

DESCRIÇÃO

Começamos a aula falando sobre o passe e o domínio de bola. Os conceitos trabalhados foram o compartilhar um objeto, disponibilizando-o da melhor maneira possível para um companheiro e o posicionamento para receber o passe com a menor dificuldade possível.

Dividimos os alunos pelo número de bolas disponíveis para a aula. Pedimos que formassem círculos e trocassem passe entre si, variando as partes do pé a serem utilizadas no passe e no domínio (borda interna, borda externa, peito do pé, sola, calcanhar e bico do pé). Começamos com os círculos parados e depois pedimos que os trocassem de posição. Em seguida, fizemos o jogo do bobinho, onde o objetivo do grupo era trocar passes entre si sem que a bola tocasse em um adversário no meio do círculo. Para dificultar, fomos limitando o número de toques na bola até chegar a um por aluno.

Até aqui, uma atividade normal sobre as técnicas do futebol, porém, a fim de discutir a discriminação de cor no futebol e na sociedade, depois de um certo período de tempo, pedimos que os alunos negros retornassem ao bobinho todas as vezes em que eles roubassem a bola com velocidade, ou, quando um “aluno branco” errava o passe, o aluno negro mais próximo foi para o centro da roda. O desconforto foi perceptível, assim, paramos a atividade e realizamos uma roda de discussões sobre minha atitude para com os alunos negros. Os temas abordados pelos alunos nas rodas de discussões levaram em consideração como a sociedade (representado pelo professor) trata os negros.

Discutimos sobre o cansaço e a relação de trabalho⁴, levando em consideração os tipos de atividades e o deslocamento para o trabalho (o trem lotado); sobre o esforço que os negros fazem para alcançar locais em que os brancos estão sem fazer muito esforço; a meritocracia que envolve certas posições sociais; e os movimentos de valorização da cultura negra no país. Esta

⁴ como iam várias vezes ao centro da roda, nas últimas participações, não apresentavam o mesmo pique

atividade só foi possível pela confiança mútua entre professor e alunos, por isso, é imprescindível que se tenha um relacionamento interpessoal sadio, lembrando que o aluno não é uma página em branco onde escrevemos o que queremos.

Faltando 30 min para o término da aula iniciamos o manager, com jogos de 5 min – todos contra todos – e equipes, obrigatoriamente, mistas. Nesse primeiro dia não houve negociações por conta do tempo reduzido.

RESUMO DA AULA

1. apresentação do conteúdo passe e recepção;
2. divisão dos grupos de trabalho em círculos;
3. troca de passes;
4. o jogo do bobinho;
5. o jogo do bobinho e a relação com a discriminação por cor;
6. início do manager.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Como dissemos anteriormente, temos uma intenção clara: promover um ensino voltado a classe trabalhadora. Para isso, se faz necessário que os alunos percebam a coerção imposta pelo sistema em que vivemos. Uma aula não é suficiente para que o aluno desenvolva um pensamento crítico sobre a marginalização dos negros e índios no Brasil, mas é necessário um início, uma provocação, para despertar o interesse discente. A discussão sobre racismo não pode ficar restrita ao 20 de novembro. É dever do professor provocar os alunos, buscando a reflexão sobre a sociedade.

Sobre a parte prática, quanto mais bolas disponíveis, maiores as chances de contato para aprender a técnica, porém, caso não disponha de tanto material, repita a aula quantas vezes achar necessário, se realmente for necessário aprender a dar um passe, porém, acredito ser mais importante a discussão proposta no objetivo: “compreender a relação do passe com a coletividade, relacionando-a ao viver em sociedade”, por isso, principalmente na hora de expor o problema relacionado a estrutura discriminatória brasileira, é preferível fazer uma roda com toda a turma e usar somente uma bola.

AULA 4 – A Instrumentalização

OBJETIVO ESPECÍFICO: compreender as diferenças e semelhanças biológicas entre meninas e meninos na aplicação de habilidades técnicas.

DESCRIÇÃO

Iniciamos com o resgate da discussão da aula passada perguntando se, durante a semana, viram algo relacionado ao tema debatido, discriminação por cor. Após essa breve retomada, os alunos foram divididos em fileiras para as atividades de finalização, chute ao gol.

Cada fileira precisava de pelo menos duas bolas. A primeira atividade começou partindo do meio da quadra, os alunos deveriam conduzir a bola e chutar no gol antes da área do goleiro. Ao longo da atividade fomos adicionando dificuldades, como chutar com o pé não dominante, conduzir a bola em zig-zag antes do chute, trocar passes com a fileira ao lado antes do chute, lançar a bola para o colega para este chutar a bola sem dominar. Ao encerrar essa atividade foram feitos alguns questionamentos: quais foram as maiores dificuldades? Existe diferença no chute entre uma menina e um menino? Existe diferença na potência do chute e/ou na precisão? Após os questionamentos passamos para a segunda parte da aula.

Nesse momento iniciamos o *manager* escolar com o primeiro dia de negociações. Os dirigentes se sentaram com o professor e começaram a negociar jogadores. Feito isso, as equipes jogaram com as novas composições. E assim mantivemos esse formato até a aula 6. Cabe ressaltar que, mesmo sendo uma equipe mista, poucos alunos tocavam a bola para as meninas.

RESUMO DA AULA

1. lembrar a aula anterior;
2. dividir as fileiras e executar as atividades previstas;
3. discutir sobre as diferentes participações nas atividades;
4. continuar o *manager* escolar iniciando com o período de negociações.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Apesar de parecer que essa aula priorizou a habilidade técnica relacionada a finalização, procuramos em todo tempo falar sobre as diferenças e semelhanças biológicas entre os meninos

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

e as meninas. Procure perguntar o que o aluno está fazendo, o que ele entendeu, como chegou à determinada conclusão... o diálogo é essencial no processo educativo.

AULA 5 – A Instrumentalização

OBJETIVO ESPECÍFICO: vivenciar atividades que representam a dinâmica de um atleta profissional.

DESCRIÇÃO

Para discutirmos sobre a vida do atleta no futebol, nessa aula trabalhamos no formato de circuito. Cada estação com 1min e 15s de execução e 30s de intervalo, sendo o intervalo de uma repetição para outra de 2 min.

1ª estação: passe e corrida – os alunos deveriam executar três passes em dupla o mais rápido possível e em seguida dar um tiro de 10m.

2ª estação: cabeceio – os alunos deveriam executar 5 cabeceios em dupla. Um aluno segura a bola e faz o passe com a mão para o colega cabecear, feito os 5 movimentos, as funções se alteram e assim sucessivamente.

3ª estação: conduzir a bola em velocidade por uma distância de no mínimo 10m. executar o passe para o próximo colega e retornar trotando.

4ª estação: futevôlei – jogar uma partida de futevôlei com os colegas usando as regras do ping-pong.

5ª estação: golzinho – jogar uma partida de golzinho com os colegas.

O Prof. Rogerio Mendes, meu orientador, relatou em sua aula no mestrado a maneira como ele tinha trabalhado em aula, a participação feminina na sociedade. Trazendo essa experiência para esta aula, determinamos que somente as meninas poderiam tirar dúvidas em relação as atividades, ou ainda, sobre qualquer assunto que surgisse em aula. Aos meninos foi reservado o direito de apenas participar das atividades, caso quisessem falar, deveriam ter autorização de alguma menina.

Encerrando a atividade, discutimos sobre a situação imposta pelo professor. O objetivo da imposição foi forçar os alunos enxergarem sobre a ótica das meninas. Desde a primeira aula, elas tocaram menos na bola, eram as últimas a serem escolhidas e, mesmo no jogo, seus companheiros não tocavam a bola. Mesmo que, durante essa aula, os meninos tenham sido

forçados a uma situação desconfortável, esse desconforto proporcionou uma reflexão sobre a discriminação de gênero no futebol e na sociedade.

RESUMO DA AULA

1. explicar o circuito e as regras sobre quem poderia questionar ou tirar dúvidas sobre a atividade;
2. discutir sobre a situação imposta pelo professor;
3. continuar o manager escolar iniciando com o período de negociações.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Note que, mesmo trabalhando com um aspecto altamente técnico, a aula procurou responder as questões levantadas na fase da problematização. Entendemos que não se deve privar o acesso aos conhecimentos técnicos desenvolvidos pela Pedagogia Tradicional, mas eles podem ser ensinados de maneira transformadora, ligando-os a realidade dos alunos a fim de que possam refletir sobre a mesma.

Caso você não tenha o material disponível, crie um circuito que trabalhe as valências físicas características de um jogador de futebol, utilizando o peso corporal e marcações como giz, ou mochilas, ou tênis, ou chinelos. O importante é que os alunos entendam um pouco sobre a perspectiva do atleta.

A estratégia de dar poder as meninas, pode ser feita em qualquer aula, de qualquer conteúdo. Escolhemos essa por ser a que mais apresenta dúvidas para que os meninos realmente sentissem que estavam sendo tolhidos da fala.

AULA 6 – A Instrumentalização

OBJETIVO ESPECÍFICO: adotar atitudes cooperativas, reconhecendo as diferenças e valorizando-as como possibilidades de crescimento coletivo.

DESCRIÇÃO

Nessa aula procuramos trabalhar com a ideia da coeducação e da cooperação. Mesmo que as escolas se organizem em turmas mistas, as aulas de Educação Física, por diversas vezes separam os alunos por sexos, muito mais evidente na prática do Futebol e em momentos de “atividade livre”⁵ (MOURA, 2017). Costa e Silva (2002, p. 48), ao falarem sobre coeducação, ressaltam que ela

considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que escola mista não possui o mesmo significado da escola co-educativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da co-educação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo.

Apresentamos as atividades com regras iniciais estabelecidas pelo professor, sendo elas simples e com poucas restrições, em um segundo momento os alunos puderam modificar ou ampliar essas regras. As atividades aplicadas foram descritas por Moura (2017) em um relato de experiência e seguem abaixo.

Futebol de duplas

Disposição dos alunos: duplas mistas (um menino e uma menina) jogar de mãos dadas. Quando o número de meninos ou meninas não era suficiente para que todas as duplas fossem mistas, era permitido duplas homogêneas (menino – menino ou menina – menina).

Regras Iniciais: o gol só poderia ser feito com os pés; as duplas não poderiam soltar as mãos (caso soltassem, seria marcada falta); não havia laterais ou linhas de fundo.

⁵ Momento da aula que, em geral, os professores distribuem os materiais e avaliam a criatividade e as relações interpessoais dos alunos, sem que aconteça uma intervenção direta do professor.

Após um período de desenvolvimento do jogo, os alunos foram questionados sobre as dificuldades na partida. Eles relataram, em sua maioria, a relação das meninas com a bola (dificuldades em passar a bola e em chutar ao gol) e a velocidade das mesmas no deslocamento.

Regras discutidas: em relação ao passe, ambos poderiam passar, porém, para interceptar passes de meninas, só as mesmas poderiam fazê-lo; em relação à finalização, durante um período de tempo somente as meninas poderiam fazer gol⁶; a velocidade da corrida da dupla deveria ser determinada por uma menina.

Feitas as alterações, após um período de prática, os alunos discutiram sobre a participação efetiva das meninas. Algumas ainda relataram dificuldades na execução do jogo, mas, a maioria compreendeu que a participação solidária de ambos os sexos, colaborou para o cumprimento do objetivo do jogo, o gol.

Figura 18. Alunos jogando o futebol de duplas



Fonte: O autor, 2020.

Totó humano

Essa atividade foi baseada no jogo conhecido como Totó ou Pebolim.

Disposição dos alunos: duas equipes mistas e alocadas nas posições do jogo, sendo um goleiro, zagueiros, meio de campo ou quadra e atacantes. Com exceção do goleiro, o número de jogadores em cada posição foi decidido pelos alunos.

⁶ Algumas turmas optaram por essa regra até o final do jogo, outras optaram por um tempo determinado como 2 ou 3 minutos cronometrados por algum colega que estaria dispensado da prática, por questões legais, ou, na ausência deste, pelo professor.

Regras iniciais: os jogadores de cada setor deveriam jogar de mãos dadas e não poderiam soltá-las; o movimento dos setores é feito lateralmente, sendo permitido um passo para frente ou para trás; não há laterais e nem saída pela linha de fundos; qualquer jogador poderia fazer o gol; após 3 minutos de jogo, os alunos poderiam trocar de posicionamento desde que em nenhuma das posições ficassem com apenas 1 jogador, com exceção do goleiro.

Ao serem questionados, as maiores dificuldades apresentadas se relacionavam com a força aplicada ao chute pelos meninos, amedrontando as meninas, e o domínio de bola com mãos dadas.

Regras discutidas: As soluções apresentadas não foram sobre a mudança ou adaptação de regras, mas sim sobre a conduta dos jogadores.

Para Darido e Rangel (2008, p. 168) é uma grande oportunidade de aprendizagem, pois, segundo as autoras,

[...] não podemos evitar todas as situações de conflito, porque, inclusive, às vezes, elas ocorrem no cotidiano dos próprios alunos. O papel do professor é mediar esses conflitos, no sentido de que eles sejam resolvidos através do diálogo, do respeito mútuo, e não da agressão moral ou física. São estas atitudes que as atividades presentes nas aulas devem buscar.

Assim, os alunos resolveram os problemas apresentados pela execução da atividade conversando sobre eles e buscando uma solução comum.

Figura 19. Alunos jogando o totó humano



Fonte: O autor, 2020.

Cabeçobol

Essa atividade é um misto do Corfebol⁷ com o Futebol.

Divisão dos alunos: duas equipes mistas.

Regras iniciais: o gol só pode ser feito de cabeça; o jogador não pode lançar a bola para sua própria cabeça; o passe deve ser feito com as mãos; a bola não pode ser tomada da mão do adversário, assim, para conseguir a posse de bola, deveriam interceptar o passe; a bola sai nas laterais e nas linhas de fundo.

Durante o desenvolvimento do jogo, os alunos encontram dificuldades na participação igualitária entre meninos e meninas. Na maioria das turmas os meninos monopolizaram o jogo, e, quando questionados, a resposta era relacionada às habilidades para o desempenho do jogo que as meninas possuíam em menor quantidade. Para resolver esse problema, o professor questionou como os membros da equipe poderiam participar sem que os meninos fossem privilegiados.

Regras discutidas: obrigatoriedade da participação de pelo menos uma menina nos passes que antecedem o gol (só vale o gol se uma das meninas tocar na bola); o passe para o gol deve ser feito por uma menina; os gols feitos por meninas valiam dois; os gols feitos pelas meninas valiam como multiplicador (se uma menina fizesse o gol, o placar era multiplicado por dois, assim, se a equipe possuía um placar de 3 X 3, ao fazer o gol sua equipe obteria um placar de 6 X 3 e assim sucessivamente).

No segundo tempo de aula encerramos o manager escolar, com as últimas contratações e o resultado do clube mais valioso.

RESUMO DA AULA

1. explicar cada atividade e as regras iniciais;
2. perguntar sobre as modificações possíveis;
3. finalização do manager escolar.

⁷ Corfebol é um esporte coletivo praticado por equipes mistas, formadas por quatro homens e quatro mulheres, cujo objetivo é acertar a cesta. O quarteto do ataque não pode passar para a defesa e vice-versa. A marcação deve ser feita por pessoas do mesmo sexo, porém, a bola não pode ser retirada da mão do adversário, apenas ter sua trajetória interrompida na hora do passe.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Geralmente é uma aula que os alunos gostam muito, devido a participação não requerer muita habilidade. Procure observar a segurança dos alunos, utilizando bolas mais leves e pedindo que os alunos respeitem os limites dos colegas.

AULA 7 – Catarse

OBJETIVO ESPECÍFICO: apresentar o conhecimento desenvolvido ao longo do período.

DESCRIÇÃO

Para encerrar o projeto, os alunos apresentaram os conhecimentos e habilidades desenvolvidas através da Feira do Futebol. Cada turma ficou responsável por um tema e tiveram a oportunidade de escolher a forma de apresentação.

Temas trabalhados na feira

História do Futebol – foi apresentada através de cartazes fixados nas paredes e por apresentação oral;

Figura 20. A feira do Futebol: outras escolas visitaram a feira



Fonte: O autor, 2020.

A arte e o futebol – os alunos apresentaram um filme sobre o Futebol e no final apresentaram brincadeiras relacionadas ao filme com o cotidiano dos alunos.

Mercado de trabalho – a turma se vestiu com as profissões possíveis dentro do Futebol e apresentou essas carreiras desde o tempo necessário para a formação até as áreas de atuação.

Figura 21. A feira do Futebol: mercado de trabalho



Fonte: O autor, 2020.

Mídia e o futebol – a turma responsável pela temática procurou apresentar uma esquete baseada em comerciais que envolvessem o Futebol e uma breve reflexão sobre eles.

Figura 22. A feira do Futebol: trabalho sobre os patrocínios no esporte



Fonte: O autor, 2020.

Diferentes maneiras de jogar o Futebol – os alunos montaram maquetes e explicaram as regras de modalidades como o Futebol de Areia, o Futsal, o Futebol de campo, Fut7, Fut5, dentre outros.

Figura 23. A feira do Futebol: as diferentes formas de jogar



Fonte: O autor, 2020.

Cabe ressaltar, que alguns grupos, além de abordarem os temas predeterminados pelo professor, trabalharam com questões sobre o preconceito no futebol e a participação das mulheres, ressaltando a importância da fase da problematização.

Figura 24. A feira do Futebol: trabalho sobre a participação das mulheres e, ao fundo, uma câmara sobre preconceito



Fonte: O autor, 2020.

RESUMO DA AULA

1. os alunos vão apresentar o que desenvolveram;
2. avaliar os procedimentos adotados pelos alunos para demonstração do conhecimento desenvolvido.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Sugerimos que o trabalho seja apresentado para toda a comunidade escolar. Procure reservar salas e todos os recursos que os alunos precisarem. Nesse dia, os alunos mostrarão o ápice de teorização desenvolvida até o momento sobre o assunto, não significa que ele foi esgotado, mas implica considerar o esforço do aluno para que o conhecimento chegasse a esse nível.

A nota é o que menos importa, nesse momento, valorize aquilo que foi construído pelos alunos.

AULA 8 – O retorno a Prática Social

OBJETIVO ESPECÍFICO: adotar novas atitudes práticas

DESCRIÇÃO

Essa aula não aconteceu na escola e nem contou com a participação clara do professor. Nessa etapa os alunos retornaram a sociedade e aplicaram o que desenvolveram ao longo do trabalho com esse conteúdo na escola. O que pudemos observar, foram alunos mais cooperativos uns com os outros. As postagens em rede social não exaltavam violência em estádios nem a discriminação por gênero. Em 2019, na copa do mundo feminina, pediram para acompanhar os jogos da seleção brasileira. Por isso sugerimos manter contato com os alunos e, de vez enquanto, perguntar para eles sobre a temática desenvolvida.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Você pode avaliar as novas atitudes práticas também por outros conteúdos. Espera-se que os alunos compreendam a Educação Física para além do fazer, por isso, os temas abordados até aqui, devem ser revistos em outros conteúdos.

6. CONTEÚDO COMPARTILHADO: DANÇA

OBJETIVO GERAL: vivenciar diferentes manifestações culturais através da dança, reconhecendo e valorizando as diferentes formas de se movimentar.

DESCRIÇÃO

Descrevemos este conteúdo como um conteúdo compartilhado da Educação Física, levando em consideração o curso de licenciatura em Dança. A experiência a ser descrita foi iniciada pelos professores Miguel Ataíde e Hugo Rocha no Colégio Pedro II.

Figura 25. A dança



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-ND](#)

É importante destacar que, se em sua escola há um professor formado em dança, o trabalho com esse conteúdo ficará mais rico se for feito em parceria com ele.

Diferentemente do conteúdo anterior, não apresentaremos um resumo da aula, as partes serão subdivididas em objetivo, descrição e orientações para o professor. As aulas 3 até a 6, contêm o mesmo procedimento e conteúdo, por isso procuramos descrever apenas na primeira da sequência.

AULA 1 – A Prática Social como ponto de partida da prática educativa

OBJETIVO ESPECÍFICO: lembrar do significado da dança para sua comunidade local.

DESCRIÇÃO

Iniciamos o conteúdo conversando sobre o que os alunos achavam do conteúdo dança, se já tinham praticado, os locais em que participaram e o que esperavam desse conteúdo na Educação Física.

Em um segundo momento apresentamos vídeos com diversos estilos musicais e coreografias. Terminado o período de apresentação, apresentamos a dinâmica do bimestre: os alunos se dividiriam em grupos com organização livre quanto ao número e ao sexo, e criar uma coreografia com música que eles mesmo escolheriam.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Procure apresentar os mais variados estilos musicais e possibilidades de execução. É importante que os grupos escolham ritmos e estilos diferentes.

AULA 2 – A Problematização

OBJETIVO ESPECÍFICO: levantar questões sobre a arte e sua relação com a sociedade.

DESCRIÇÃO

Os grupos chegaram formados e apresentaram a música que trabalhariam ao longo do bimestre. Os ritmos escolhidos foram: funk, axé, Rock and Roll, frevo e forró; alguns grupos preferiram escolher um cantor ou a abertura de uma série de TV, a saber, James Brow, Beyonce e Um maluco no pedaço. Como vários grupos, de diferentes turmas, escolheram o funk ou ritmos relacionados a ele, estabelecemos a regra de que nenhuma coreografia ou letra de música poderia fazer apologia ao ato sexual. Assim surgiram diversos questionamentos sobre músicas boas ou ruins.

Para conversar sobre esses questionamentos, pedimos que os alunos pesquisassem sobre a história do ritmo escolhido, os locais de prática no Rio de Janeiro e o impacto social.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Ainda é um pouco sensível a questão de uma música ser boa ou ruim. O gosto pessoal vai interferir diretamente nesses casos, eu por exemplo, ouço música clássica por conta dos meus estudos em piano, algumas pessoas não suportam esse estilo musical.

É importante compreender que o estilo é apenas uma ferramenta para que os alunos vivenciem e pesquisem sobre a história de criação do estilo musical. Quase todos os estilos populares carregam uma história permeada de resistência e luta por direitos. Procure explorar o histórico.

AULA 3 – A Instrumentalização

OBJETIVO ESPECÍFICO: vivenciar as diferentes formas de se movimentar através da dança.

DESCRIÇÃO

A partir dessa aula os alunos começaram os ensaios. Disponibilizamos o espaço para que eles pudessem realizar a atividade. Os alunos criaram ou recriaram as coreografias ao longo das aulas, observando as regras apresentadas anteriormente.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Lembre-se que algumas questões são levantadas na fase da problematização para que nessa fase, os alunos se instrumentalizem para resolvê-las. Nessa aula, por exemplo, antes de se dividirem, levamos um vídeo, disponível na plataforma *Youtube*, sobre a cantora Anitta palestrando em Harvard⁸, falando sobre a criminalização do funk. Discutimos sobre a geração do mercado de trabalho em torno do funk, bem como a realidade cantada pelos artistas e sobre a saída do morro e a sua chegada no asfalto. Tentamos analisar os mesmos assuntos nos diversos ritmos escolhidos pelos alunos, porém, como as pesquisas ainda não tinham sido realizadas, não aprofundamos a questão.

Antes de cada ensaio, você pode trabalhar com cada estilo musical escolhidos pelos grupos.

⁸ Disponível em www.youtube.com/watch?v=viZBHhscEHg

AULA 4, 5 e 6 – A Instrumentalização

OBJETIVO ESPECÍFICO: vivenciar as diferentes formas de se movimentar através da dança.

DESCRIÇÃO

Os alunos continuaram os ensaios.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Em uma de nossas turmas, uma aluna era professora de dança e pediu para mostrar um pouco do seu trabalho. Valorizando o protagonismo estudantil, reservamos a ela uma aula inteira para que pudesse compartilhar seus conhecimentos sobre o ballet. Esteja atento para perceber as potencialidades dos alunos, mas também suas dificuldades. Talvez seja necessário trabalhar com alguns movimentos específicos, esteja preparado para isso.

AULA 7 – Catarse

OBJETIVO ESPECÍFICO: apresentar o conhecimento desenvolvido ao longo do período.

DESCRIÇÃO

Os grupos apresentaram suas pesquisas sobre a história do ritmo escolhido, os locais de prática no Rio de Janeiro e o impacto social. O mais interessante é que foi levada em consideração a discussão da aula 3 na confecção da pesquisa. Os alunos levantaram questões sobre os grupos sociais que praticavam os mais diversos ritmos escolhidos, bem como as mudanças ao longo do tempo no ritmo musical e suas influências de/em outros ritmos.

Figura 26. Apresentação para turmas da Educação Infantil



Fonte: O autor, 2020.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Procure apresentar o conhecimento desenvolvido para toda comunidade escolar, afinal, os alunos o desenvolveram para viver em sociedade compreendendo, criticamente, sua dinâmica.

AULA 8 – Catarse

OBJETIVO ESPECÍFICO: apresentar o conhecimento desenvolvido ao longo do período.

DESCRIÇÃO

A segunda parte da catarse foi a apresentação da pesquisa que fizeram e da coreografia que elaboraram para turmas de outras séries, preferencialmente para segmentos diferentes.

Figura 27. Apresentação para turmas do 1º segmento do ensino fundamental



Fonte: O autor, 2020.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

Se sua escola possui vários segmentos, procure incluí-los nas apresentações.

AULA 9 – O retorno a Prática Social

OBJETIVO ESPECÍFICO: adotar novas atitudes práticas.

DESCRIÇÃO

Assim como no exemplo do futebol, nesse momento o aluno aplica o conteúdo fora da escola. Ainda não tivemos retorno sobre essa atividade, mas mantivemos contatos com alguns alunos para saber o que mudou em suas práticas.

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

A maior dificuldade dessa sequência de aulas é o desafio da não-diretividade na elaboração das coreografias. Se você não é um expert em dança, talvez seja mais fácil, porém, não despreze os seus conhecimentos, procure estar pronto para auxiliar os alunos nessa construção.

Só trabalhamos com a não-diretividade em turmas que desenvolvemos um respeito mútuo estabelecido através do diálogo, por isso, avalie se é possível realizar essa sequência. Não recomendamos que ela seja feita no início de um trabalho, quando não se conhece a turma, mas lembramos que essa decisão deve ser tomada em relação a sua realidade.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO JUNIOR, Arlindo Fernando Paiva de; SALGADO, Simone da Silva; Moura, Iuri Leal. A Educação Física no Programa de Residência Docente: a construção do conhecimento a partir da prática. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 116-129, jan./jun. 2016, p. 116-129. Disponível em <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/643>. Acesso em 21 abr. 2020.
- DAÓLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 4ª reimpr. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- COSTA, M. R. F; SILVA, R. G da. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002. Disponível em <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/269/252>. Acesso em 22 ago. 2016.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2012.
- LEHER, Roberto; VITTORIA, Paolo; MOTTA, Vânia. Educação e mercantilização em meio à tormenta político-econômica do Brasil. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 1, p.14-24, abr. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/21792>. Acesso em 28 mar. 2020.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 32ª reimpr. São Paulo: Cortez, 1994.
- MELO, Adriana Almeida Sales de; SOUSA, Flávio Bezerra de. A agenda do mercado e a educação no governo Temer. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 25-36, ago. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/21619>. Acesso em 28 mar. 2020.
- MOURA, Iuri Leal. O futebol como ferramenta na coeducação. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 94-105, jan./jun. 2017. Disponível em <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/767>. Acesso em 21 abr. 2020.
- NEIRA, Marcos Garcia. LIPPI, Bruno Gonçalves. SOUZA, Dirley Adriano de. **Mídia e futebol: contribuições para a construção de uma pedagogia crítica**. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/193>. Acesso em 21 abr. 2020.

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42 Ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2012.

APÊNDICE A: PLANO ANUAL

Escola			
Ano Escolar		Faixa etária	
Turma		Ano	2021
CATEGORIAS			
Estabeleça objetivos gerais a serem alcançados ao longo do ano		Quais são os Objetivos?	
Trabalho	representa a ação histórica do ser humano		
Linguagem	formas de expressar o conhecimento		
poder	relações sociais e o conhecimento sobre os processos históricos de desenvolvimento dos conteúdos		
CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS			
Selecionar Conteúdos utilizados pela Educação Física, próprios ou compartilhados			Quais conteúdos você utilizará para alcançar os objetivos?
Relevância social	ligação entre o saber sistematizado e a experiência prática	Significação Cultural	relevante para a comunidade que o pratica ou um auxílio para entendimento da cultura presente na mesma
		decolonialidade	precisa partir do ponto de vista do aluno, levando em consideração sua história e possibilitando a reflexão sobre sua condição social na tentativa de superar o eurocentrismo
		Ligação com os alunos	levar em consideração a bagagem de conhecimentos que cada aluno traz consigo
			1º Bimestre

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

Harmonização às características dos Alunos	auxiliar no desenvolvimento dos conhecimentos levando em consideração as características dos alunos	Desenvolvimento	identificar o que o aluno consegue fazer sozinho e o que ele precisa de ajuda para realizar ou seja, a Zona de Desenvolvimento Imediato	2º Bimestre	
		Condição Social	articular a escolha dos conteúdos de maneira que os alunos sem acesso a diferentes fontes de cultura, possam conhecer e experimentar as mais diversas formas de manifestações da cultura corporal	3º Bimestre	
		Abertura ao diálogo	através do diálogo buscamos proporcionar aos alunos a possibilidade de questionar o conteúdo, procurando romper com o caráter da verdade absoluta imposta ao conteúdo pela visão eurocêntrica	4º Bimestre	

Segmento:		Bimestre:	
Turma:		Faixa etária:	
CATEGORIAS			
Estabeleça objetivos específicos a serem alcançados no bimestre			
Trabalho			
Linguagem			
Poder			
FASES DO ENSINO			
Prática Social Inicial			
Quais são os conhecimentos cotidianos dos alunos?			

O que aprendem? (conteúdo científico, atitudes, habilidades)	
Para que aprendem? (Uso social do conhecimento)	
Problematização	
Quais os problemas levantados pelos alunos? (pode ser de qualquer ordem: científica, social, histórica, política, estética, religiosa)	
Instrumentalização	
Demonstração do conteúdo científico para que o aluno se aproprie dele.	
Quais são as Habilidades Técnicas necessárias para compreender o problema?	
Fase do confronto entre os conhecimentos cotidianos com os conhecimentos científicos	
Catarse	
Declaração teórica do nível atingido pelo aluno	
informal - quando o aluno manifesta o que aprendeu espontaneamente	
formal - quando o professor seleciona diversas maneiras para o aluno manifestar o que aprendeu	
Prática Social Final	
alunos os alunos chegam ao nível sintético do professor	
Como os alunos se comportam ao retornar à Prática Social?	
Quais novas intenções os alunos tomaram?	

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

Quais ações desempenharam para concretizar essas intenções		
AValiação		
Caráter		Instrumentos
Individual	compreendendo as mudanças qualitativas alcançadas pelos alunos, bem como a participação ativa nas atividades propostas, combinadas ou criadas	Ex: fichas de observação, avaliação teórica (prova)avaliação prática (circuito de habilidades), outras
Coletiva	compreendendo as relações sociais desenvolvidas na apreensão dos conteúdos e sua aplicação no conjunto heterogêneo que compõe a sala de aula	Ex: atividades coletivas, seminários, feiras, Avaliação Prática (jogos e organização de jogos), outras
Referências		

APÊNDICE B: PLANO BIMESTRAL

Escola									
Segmento:		Faixa etária							
Série:		Turma:		Ano:					
Após observar os critérios de seleção, qual conteúdo a ser trabalhado?									
CATEGORIAS			CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS						
Estabeleça objetivos gerais a serem alcançados ao longo do ano		Quais são os Objetivos?	Selecionar Conteúdos utilizados pela Educação Física, próprios ou compartilhados						
Trabalho	representa a ação histórica do ser humano		Relevância social	ligação entre o saber sistematizado e a experiência prática	<table border="1"> <tr> <td>Significação Cultural</td> <td>relevante para a comunidade que o pratica ou um auxílio para entendimento da cultura presente na mesma</td> </tr> <tr> <td>decolonialidade</td> <td>precisa partir do ponto de vista do aluno, levando em consideração sua história e possibilitando a reflexão sobre sua condição social na tentativa de superar o eurocentrismo</td> </tr> </table>	Significação Cultural	relevante para a comunidade que o pratica ou um auxílio para entendimento da cultura presente na mesma	decolonialidade	precisa partir do ponto de vista do aluno, levando em consideração sua história e possibilitando a reflexão sobre sua condição social na tentativa de superar o eurocentrismo
Significação Cultural	relevante para a comunidade que o pratica ou um auxílio para entendimento da cultura presente na mesma								
decolonialidade	precisa partir do ponto de vista do aluno, levando em consideração sua história e possibilitando a reflexão sobre sua condição social na tentativa de superar o eurocentrismo								

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

Linguagem	formas de expressar o conhecimento				Ligação com os alunos	levar em consideração a bagagem de conhecimentos que cada aluno traz consigo
					Desenvolvimento	identificar o que o aluno consegue fazer sozinho e o que ele precisa de ajuda para realizar ou seja, a Zona de Desenvolvimento Imediato
poder	relações sociais e o conhecimento sobre os processos históricos de desenvolvimento dos conteúdos		Harmonização às características dos Alunos	auxiliar no desenvolvimento dos conhecimentos levando em consideração as características dos alunos	Condição Social	articular a escolha dos conteúdos de maneira que os alunos sem acesso a diferentes fontes de cultura, possam conhecer e experimentar as mais diversas formas de manifestações da cultura corporal
					Abertura ao diálogo	através do diálogo buscamos proporcionar aos alunos a possibilidade de questionar o conteúdo, procurando romper com o caráter da verdade absoluta imposta ao conteúdo pela visão eurocêntrica
FASES DO ENSINO			AVALIAÇÃO			

		Caráter	Instrumentos
Prática Social Inicial		Individual	compreendendo as mudanças qualitativas alcançadas pelos alunos, bem como a participação ativa nas atividades propostas, combinadas ou criadas
Quais são os conhecimentos cotidianos dos alunos?	Ex: fichas de observação, avaliação teórica (prova)avaliação prática (circuito de habilidades), outras		
O que aprendem? (conteúdo científico, atitudes, habilidades)			
Para que aprendem? (Uso social do conhecimento)			
Problematização		Coletiva	Ex: atividades coletivas, seminários, feiras, Avaliação Prática (jogos e organização de jogos), outras
Quais os problemas levantados pelos alunos? (pode ser de qualquer ordem: científica, social, histórica, política, estética, religiosa)			
Instrumentalização			

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

Demonstração do conteúdo científico para que o aluno se aproprie dele.		Observações importantes realizadas ao longo do período
Quais são as Habilidades Técnicas necessárias para compreender o problema?		
Fase do confronto entre os conhecimentos cotidianos com os conhecimentos científicos		
Catarse		
Declaração teórica do nível atingido pelo aluno		
informal - quando o aluno manifesta o que aprendeu espontaneamente		
formal - quando o professor seleciona diversas maneiras para o aluno manifestar o que aprendeu		
Prática Social Final		
alunos os alunos chegam ao nível sintético do professor		
Como os alunos se comportam ao retornar à Prática Social?		

Quais novas intenções os alunos tomaram?		
Quais ações desempenharam para concretizar essas intenções?		
Referências		

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

APÊNDICE C: PUBLICANDO A SUA AULA TEMA DO SEU TRABALHO

Seu nome

Instituição a que pertence

RESUMO: Geralmente um texto de 200 caracteres em que você destaca todos os itens do seu trabalho: Introdução, atividades desenvolvidas, a visão dos alunos e a conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: mínimo de três palavras que descrevem o seu trabalho separadas por ponto e vírgula (;). Sugerimos inclui Crítico-superadora; Pedagogia Histórico-Crítica

Algumas revistas pedem o resumo e as palavras-chave em outro idioma, procure nas diretrizes para os autores.

INTRODUÇÃO

Na introdução você precisa destacar os seguintes itens:

- Conteúdo trabalhado;
- Objetivos previstos;
- Qual é o perfil dos alunos (ano escolar, idade, classe social);
- Qual o perfil da escola (localização, características do entorno, se há a participação da comunidade escolar como um todo).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Descreva as atividades que você desenvolveu ao longo do trimestre destacando o método da Pedagogia Histórico-Crítica

A Prática Social como ponto de partida da prática educativa

O que os alunos sabem sobre o conteúdo

A Problematização

Quais são as principais questões levantadas através do diálogo?

Instrumentalização

Como foram as tarefas com as Habilidades Técnicas e quais foram as atividades trabalhadas?

Catarse

Como foram realizadas as avaliações?

O que os alunos perceberam de mudança sobre o que conheciam?

O retorno a Prática Social

Os alunos utilizaram uma nova maneira de ver, de agir, de pensar em sua realidade?

Pode ser que você ainda não tenha o conhecimento sobre o retorno, porém, se tiver, descreva para enriquecer o seu trabalho.

A VISÃO DOS ALUNOS

Esse item pode ser opcional, uma vez que você fará algo parecido na Catarse. Nessa parte você descreve o que os alunos acharam sobre essa sequência de aulas. Como exemplo você pode identificar:

- O que os alunos acharam sobre as aulas?
- Influenciou na motivação para as aulas?
- Os alunos se sentiram participantes do processo?

CONCLUSÃO

Por fim, amarre as conclusões. Escreva sobre a sua avaliação da sequência de aulas, compare a sua avaliação com a dos alunos e aponte as dificuldades encontradas.

REFERÊNCIAS

Seguem algumas referências para te ajudar a montar a sua aula. É importante você complementar com outros autores para enriquecer seu trabalho. Procure referências que falem diretamente sobre o seu tema. Sobre a Pedagogia Histórico-Crítica destacamos Saviani, Gasparin e Reis et al. e sobre a tendência Crítico-Superadora destacamos o Coletivo de autores e Moura.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 4ª reimpr. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

A pedagogia Histórico-Crítica e a Proposição Crítico-Superadora em uma aplicação prática

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2012.

MOURA, Iuri Leal. **A utilização das Abordagens Renovadoras no ensino da Educação Física Escolar: uma proposta de aplicação prática da Pedagogia Histórico-Crítica e da Tendência Crítico-Superadora**. 2020. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2020.

REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42 Ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2012.